

Meu Consentimento Não Respeitado: Sequelas Corporais e Sexuais em Estudantes Universitárias Vítimas de Violência Sexual

My Consent Not Respected: Bodily and Sexual Seals in University Students Victims of
Sexual Violence

GISELLE ALEJANDRA PINCHEIRA NAVARRO ¹

MARIA BEATRIZ REIS DIONÍSIO²

SABRINA MAZO D'AFFONSECA³

DOI: <https://doi.org/10.23925/2764-8389.2023v3i2p29-60>

RESUMO: Esta pesquisa buscou identificar possíveis consequências e impactos na corporeidade e sexualidade em estudantes que sofreram violência sexual dentro do contexto universitário. A metodologia foi de caráter qualitativo incluindo onze estudantes de graduação e pós-graduação de universidades públicas do interior do Estado de São Paulo, estas participaram de entrevistas semiestruturadas, baseadas em métodos visuais, as quais foram feitas no formato remoto. Os instrumentos utilizados foram: i) Questionário de caracterização das participantes; ii) Roteiro de entrevista semiestruturado, incluindo a técnica de Linha do Tempo e da cartografia corporal. Os resultados mostram que as estudantes estavam expostas a diversos cenários de violência no contexto universitário, experiências que produziram diferentes níveis de impacto no âmbito físico, psicoemocional, acadêmico, relações interpessoais e dificuldades de conectar com sua sexualidade e seu corpo após a agressão. O intuito das universidades deve estar dirigido a reduzir o impacto dos traumas, evitando a revitimização, trabalhando na prevenção de qualquer dano na população mais vulnerável da universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; universidade; sequelas corporais, assédio sexual; sexualidade.

ABSTRACT: This research sought to identify possible consequences and impacts on corporeality and sexuality in students who have suffered sexual violence within the university context. The methodology was qualitative in nature and included eleven undergraduate and graduate students from public universities in the interior of the State

¹ Mestra em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos. Diplomada em Dança, Movimento e Terapia, Universidade Mayor no Chile. Diplomada em Teorias de Género, desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade de Chile. é Bacharel e Licenciada em Sociologia da Universidade Católica de Temuco, Chile. E-mail: gis.pincheira@gmail.com. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3453-306X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6687525344324940>. Chile.

² Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos (2015-2019), Mestre em Psicologia (UFSCar) e Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGpsi-UFSCar). E-mail: beatrizreisidionisio@gmail.com. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-5711-5237>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9021929939090844>. Brasil

³ Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos (2003), mestrado em Educação Especial (Educação do Indivíduo Especial) pela Universidade Federal de São Carlos (2005) e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos (2013). E-mail: samazo@ufscar.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9103-0616>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0381029115416584>. Brasil

of São Paulo, who participated in semi structured interviews, based on visual methods, which were done in remote format. The instruments used were: i) Questionnaire for characterization of the participants; ii) Semi-structured interview script, including the Timeline technique and body cartography. The results show that the students were exposed to several scenarios of violence in the university context, experiences that produced different levels of impact on the physical, psycho-emotional, academic, interpersonal relationships, and difficulties in connecting with their sexuality and their bodies after the aggression. The intention of universities should be directed at reducing the impact of trauma, avoiding revictimization, working on the prevention of any damage in the most vulnerable population of the university.

KEYWORDS: Violence; university; bodily harm, sexual harassment; sexuality.

SUMÁRIO: 1. Introdução; 2. Método 2.1. Participantes, 2.2 Instrumentos; 2.3 Aspectos éticos 2.4 Procedimentos 2.5 Análise de dados; 3. Resultados; 3.1. Assédio sexual em diferentes espaços universitários; 3.2. Redes de apoio; 3.3. Tempo de verbalização da violência; 4. Discussão; 5. Conclusões; 6. Referências.

1. INTRODUÇÃO

Como resultado da desigualdade de gênero e o sexismo em nossa sociedade, o assédio sexual apresenta-se como uma das formas frequente de violência, amparada num sistema patriarcal que acredita e reproduz a superioridade dos homens em detrimento das mulheres (SAFFIOTI, 2002). Este tipo de violência sexual na psicologia é compreendido como um conjunto de comportamentos sexuais, físicos, verbais e não verbais os quais são indesejados pela pessoa que os recebe e que os percebe como ofensivos ou ameaçadores, não sabendo como lidar com os mesmos (FERRER-PÉREZ, 2014). Este tipo de violência acontece frequentemente como parte de uma cultura que normaliza relações abusivas em diversos ambientes sociais. A universidade além de atuar como um espaço de pensamento crítico e conhecimento não é isento da violência, sendo um ambiente propício para a disseminação de comportamentos, práticas e atitudes que podem se tornar abusivas, ainda mais quando estão motivadas pelas relações hierárquicas entre professores e alunos, a competição entre pesquisadores e a mercantilização da educação (COELHO, 2018).

Dados sobre a violência nas instituições de educação superior indicam que mais de 70% das vítimas são mulheres, ainda mais mulheres negras (BARROSO; LIMA, 2021). Os locais das agressões são variados, podendo ocorrer nos “trotês”, nas festas universitárias, nas repúblicas, salas de aulas, laboratórios, áreas abertas nos campi, ginásio, cafeteria, etc. Em uma pesquisa com estudantes de uma universidade federal do interior do estado de São Paulo, verificou-se que as repúblicas alcançaram a maior porcentagem de ocorrências (55%), seguida das salas de aulas (52%) e por último as áreas abertas do campus (47%) incrementando-se se

fosse de noite, pois a violência aumenta até um 67% (MONTRONE, 2020). Cumpre destacar que um estudo feito numa universidade do sul do Chile em relação com a violência no namoro em estudantes universitários, declararam que um 57% da amostra total (7.479 estudantes) reportou ter sofrido violência psicológica, 26% sofreu violência física e um 20% sofreu violência leve descrita por eles mesmos como os empurrões e tapinhas, enquanto que um 60% recebeu chutes e socos do parceiro(a) (VIIZCARRA; PÓO, 2011).

O estupro também pode acontecer nos relacionamentos íntimos, por meio da coerção, o consentimento pode ser forçado por ameaças, ou pelo uso de drogas ou álcool. Num relacionamento, por exemplo, o consentimento é normalmente fornecido por comportamentos não verbais potencialmente ambíguos, que nem sempre são fáceis de ler. O consentimento é um processo contínuo (HILLS, 2020). Em algumas situações o consentimento do(a) parceiro(a) pode ocorrer para construir intimidade, satisfazer o parceiro(a), flerte, evitar a tensão no relacionamento, evitar machucar os sentimentos do parceiro(a) e manter a relação, ou sentir-se obrigada a ter relação (MUEHLENHARD; PETERSON, 2005). Logo, a experiência do estupro num relacionamento é muito difícil de divulgar, pois a maioria acredita que é “normal”, não querem fazer público o acontecido porque isso pode lhes causar dano ou vergonha, ou simplesmente não se sentem preparadas para falar disso com outros. O tempo de divulgação a partir do episódio pode ser mínimo de seis meses, mas em aqueles relacionamentos de curto prazo são mais propensos a revelar com antecedência os fatos (KOUTA, 2015).

Por outro lado, pensando nas consequências das vítimas da violência, estudos revelam impactos, por exemplo, no desenvolvimento da sexualidade (NAVARRO, 2021). A pesquisa de Turchik (2014) com uma amostra de 309 estudantes universitárias nos Estados Unidos, indica que aquelas mulheres que vivenciaram coerção sexual ou estupro eram mais propensas a relatar uma falta de desejo sexual posterior ao episódio e tinham dificuldades de atingir o orgasmo. Outro estudo transversal com uma amostra de 9.145 entre estudantes de graduação e pós-graduação professores e funcionários expôs as dificuldades de manter relações afetivas sexuais com parceiros íntimos após a experiência traumática (BERGERON, 2019).

Alunos com histórico de violência na infância, são mais propensos a sofrer uma revitimização e agressões no contexto universitário, trazendo como consequências a ansiedade, depressão, baixo rendimento acadêmico, insônia, e/ou transtorno de estresse pós-traumático (POTTER, 2018). Sequelas nos sobreviventes podem incluir consequências psicológicas ; e

acadêmicas/profissionais; comportamentais; físicas; sexuais; sociais e alimentares (BERGERON, 2019, FIELDING-MILLER, 2019; ROTHMAN, 2019; MENNICKE, 2019; POTTER, 2018; CONLEY, 2017; DELOVEH, 2017; ZINZOW, 2011; FIELDING-MILLER, 2019; DONDE, 2018; GROFF, 2016; KEEFE, 2018; MAMARU, 2015; JORDAN, 2014; LINDQUIST, 2013; MARTIN-BAENA, 2016; ZINZOW, 2011; CASTAÑO-CASTRILLÓN, 2010). As doenças sexualmente transmissíveis são consequências graves após violência sexual. DREZETT (2003) menciona que entre as mais graves estão a gonorreia, clamídia, sífilis, hepatites B ou HIV. O problema da gravidez por estupro se agrava na medida em que menos de 10% das mulheres que sofrem violência sexual recebem a anticoncepção de emergência nos serviços de saúde, mesmo quando há risco de gravidez. Da mesma forma, o estudo de Potter (2018) destaca-se as consequências na saúde reprodutiva, relacionado também com problemas gastrointestinais. Em muitos casos após o estupro podem manifestar-se infecções sexualmente transmissíveis.

Quando mulheres sofrem qualquer tipo de violência, há um comprometimento na construção da imagem corporal, tendo repercussões negativas na percepção de seu próprio corpo e, como tal, em sua consciência corporal, entendida como a “*percepção consciente das estruturas e segmentos do próprio corpo*” (LIMA, 2015, p.85). A dissociação ou desagregação aparecem em contextos traumáticos e implica que dois ou mais processos mentais não estão associados ou integrados. Desde a psicologia clínica podem ser entendido desde três perspectivas diferentes, como expressa (JUNIOR, 2006): **1)** para caracterizar módulos mentais semi- independentes ou sistemas cognitivos não acessados conscientemente e/ou não integrados dentro da memória, identidade e volição conscientes do indivíduo; **2)** como representação de alterações de consciência do indivíduo, em situações em que certos aspectos do Eu e do ambiente desconectam-se; e **3)** como mecanismo de defesa associado a fenômenos variados, tais como amnésia psicológica, eliminação de sofrimento físico ou emocional, e não integração crônica da personalidade.

Estudos enfatizam as barreiras para a denúncia, como um fator que diminui a probabilidade da vítima de buscar ajuda (ALLEN, 2015). Uma das principais refere-se ao medo de não ser acreditado, ser julgada e questionada quanto à vida sexual e íntima, sentindo vergonha e culpa (BOGEN, 2019). Isso poderia ser entendido como uma vitimização secundária que refere se a atitudes que culpam a vítima pelo acontecido, comportamentos que vêm de

profissionais de sistemas de saúde, legal ou até o entorno familiar e de amizades, causando um trauma adicional nas mesmas. Uma estudante que se atreve a denunciar no contexto da instituição acadêmica e não recebe o acolhimento esperado, pode ter uma exacerbação dos sintomas físicos ou emocionais associados ao trauma (ALLEN, 2015).

Existe uma insatisfação dos estudantes pelas nulas respostas das instituições acadêmicas em relação com as denúncias a respeito dos abusos (BASHONGA. KHUZWAYO, 2017). E como resultado dessas múltiplas expressões de violência nas instituições de ensino superior, as estudantes determinaram organizar-se coletivamente com o fim de ter mais força e visibilizar as situações de abuso e negligência pelas quais muitas alunas eram vítimas, ações concretas que desafiaram as autoridades das universidades (BUSTAMANTE, 2019). De fato, há uma deficiência na geração de protocolos que preveem e sancionem o assédio e violência sexual no âmbito universitário.

Considerando os possíveis efeitos da experiência de violência sexual em estudantes universitárias, a presente pesquisa teve como objetivo geral identificar possíveis consequências e impactos na corporeidade e sexualidade em estudantes que sofreram violência de gênero dentro do contexto universitário, no específico abuso e violência sexual. Para isso foram considerados como objetivos específicos: **1)** Descrever as situações de violência de gênero (atual ou passado) das estudantes, dentro do âmbito universitário; **2)** Mencionar impactos da violência sexual na corporeidade e na percepção da sua imagem corporal. **3)** Identificar possíveis consequências no desenvolvimento sexual das estudantes universitárias.

2. MÉTODO

2.1. Participantes

Foram entrevistadas 11 estudantes do gênero feminino, a maioria de universidades federais do estado de São Paulo e uma estudante pertence a uma universidade do estado do Paraná. A idade variou entre os 21 e 36 anos ($M=22$; $DP=4,65$), sendo que 72,7% ($N=8$) de graduação e o 27,3% ($N=3$) da pós-graduação.

2.2. Instrumentos⁴

1) Questionário de caracterização das participantes, elaborado pela pesquisadora para verificar dados de identificação das participantes (gênero, ocupação, qual é o seu relacionamento afetivo atual? Você tem filhos?) e a experiência de violência de gênero dentro do âmbito universitário).

2) Roteiro de entrevista semiestruturado: O roteiro foi elaborado pela pesquisadora e continha perguntas abertas que garantem as dimensões no contexto da violência, revelação do abuso, redes de apoio, impactos da violência percebidos pelas entrevistadas em diversos âmbitos da sua vida, focando na relação com seu corpo e sexualidade. Algumas perguntas foram: Quem foi a primeira pessoa que você contou o que tinha acontecido? Quanto tempo depois você foi capaz de verbalizar o que aconteceu? Passou por períodos de depressão e / ou ansiedade? Você conseguiu lidar com isso? Você experimentou perda de interesse ou de prazer sexual após a experiência de abuso? É capaz de dizer quando algo incomoda ou se sente desconfortável?

2.3. Aspectos éticos

O projeto de pesquisa foi encaminhado e aprovado no Comitê de Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar (CAAE:15113119.6.0000.5504).

2.4. Procedimentos

Os critérios de inclusão na pesquisa foram, a) estudantes universitárias (mulheres cis ou trans); b) com idade igual ou superior a 18 anos; c) que tinham experimentaram ao menos um episódio de abuso, agressão e ou violência sexual (atual ou passado) dentro da universidade ou por parte da comunidade universitária, e d) não ter sintomas psiquiátricos ou transtornos de

⁴ Foram utilizados outros instrumentos na investigação, os quais podem ser revisados no texto completo na seguinte referência. Navarro, G. (2021). Cartografia do corpo em estudantes universitárias vítimas de violência sexual. . Dissertação (Mestrado em Psicologia) –Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15592>.

personalidade. Assim, 22 estudantes foram elegíveis para a etapa das entrevistas, nove desistiram de continuar sua participação devido a: 1) não responder aos instrumentos e/ou 2) manifestaram diretamente não querer continuar pela dificuldade de falar da situação de violência e não contar com um espaço privado para se conectar na entrevista. Onze participantes concordaram em fazer a entrevista online. No contato para agendar a entrevista, a pesquisadora solicitava que a participante garantisse condições básicas para sua realização online. Por exemplo, um espaço que assegura o mínimo de interferências externas e/ou excessivo ruído ambiental, além de gerar privacidade e confiança para o relato das experiências, pelo menos por um tempo estimado de uma hora. Enquanto aos recursos necessários era indispensável um computador com conexão à internet, câmara web e microfone, lápis e papel. Na data agendada de acordo com a disponibilidade das mesmas, foi enviado o link do Google Meet via e-mail. As entrevistas ocorreram virtualmente. Além da pesquisadora, uma psicóloga com experiência no atendimento de mulheres vítimas de violência e que conhecia os objetivos da pesquisa participou da entrevista. O tempo de realização das entrevistas foi de cerca de uma hora e meia.

A entrevista foi conduzida a partir da técnica de Linha do Tempo. Por meio da percepção e experiência, busca descrever e explorar o que ocorreu a partir do ponto de vista da participante (BERENDS, 2011), favorecendo uma maior compreensão da história de vida e ênfase nos respectivos contextos (CALLEWAERT, 2007). Adriansen (2012) e Kolar et al., (2015) destacam que a linha do tempo por ser uma representação visual dos principais eventos na vida das pessoas, permite que o entrevistado observe sua própria história e, ao mesmo tempo, veja o que está sendo observado pelo entrevistador. Ademais, ela favorece que o participante pense ativamente a respeito de si mesmo e, conseqüentemente, contribui para que ele tenha uma compreensão maior de suas próprias vidas. Finalmente, "a construção da linha do tempo é um esforço colaborativo compartilhado pelo entrevistador e pelo entrevistado". (ADRIANSEN, 2012, p. 43).

Para executar de maneira positiva uma linha do tempo nas entrevistas foi o princípio organizador dos eventos e não ao pressuposto de linearidade e coerência. A seguir, foi preciso ter clareza da periodicidade da linha do tempo, ou seja, começar com a uma data X e terminar na data Y, seguindo com perguntas sobre eventos importantes. Como expresso por Kolar (2015) é benéfico se pensarmos que garante aos participantes conforto para falar e, assim, ter controle de uma certa maneira da entrevista; aspectos positivos e negativos devem ser privilegiados,

deixando isso como parte da ética da ferramenta metodológica. Uma das estratégias que ele aponta era pedir aos participantes que pensassem em suas aspirações futuras para um fechamento positivo da entrevista (KOLAR, 2015).

A cartografia corporal foi utilizada como método de pesquisa biográfica, incorporando o corpo como elemento para evocar a memória. Essa fase é caracterizada por seu nível de densidade simbólica, pois a partir daí é construída uma representação dos sujeitos, oferecendo uma interpretação intertextual da construção de uma biografia corporal (SILVA, 2013). A corporeidade como um espaço textualizado possibilita novas janelas de metodologia. Com os mapas corporais, então, conjugam-se preocupações sobre o significado de sua corporalidade, expressos como linguagem, incorporados na biografia de cada sujeito.

2.5. Análise de dados

Os dados obtidos com os instrumentos foram computados de acordo com as recomendações de cada instrumento e, posteriormente, foram realizadas análises de estatística descritiva. Já os dados qualitativos obtidos a partir das entrevistas, linha do tempo e cartografia corporal, foram organizadas segundo as indicações de Minayo (2011). Primeiro foi feita a transcrição das 11 entrevistas e das anotações da pesquisadora. Seguida de uma leitura íntegra das entrevistas e posterior codificação de acordo com as dimensões do roteiro de entrevistas. Posteriormente, foi utilizado o software *Atlas.ti Cloud*, gerando categorias que concordaram com as dimensões estabelecidas e com a literatura revisada, além disso surgiram algumas categorias não consideradas previamente, mas que resultam complementares para a discussão.

De acordo com Bar-On (2006, p. 33) as análises da linha do tempo podem dar-se a partir de uma análise cronológica (história de vida). A extração de datas acompanhada de uma análise sequencial dos dados biográficos, como histórico de abusos, tipos de manifestações de violência, lugar de ocorrência, quem ou quem foram os agressores, redes de apoio e tempo de verbalização de violência. O mapa corporal foi analisado por meio de uma análise comparativa dos principais eixos: Consequências e impactos na sexualidade, relação com sua imagem corporal, desconforto do gênero feminino, consequências psicoemocionais, impacto no âmbito social e relações interpessoais, percepção da maternidade e reflexões finais.

3. RESULTADOS

Seguindo as diretrizes éticas na pesquisa decidiu-se designar uma nomenclatura diferente para cada uma das participantes, assegurando dessa maneira o sigilo da informação. Foram escolhidos nomes de flores para se referir às mesmas.

Oito participantes estavam cursando algum semestre na graduação e três estavam em cursos de pós-graduação. A idade variou entre os 21 e 36 anos de idade ($M=23,9$; $DP=4,5$). Apenas uma estudante manifestou ter um filho (Azaléia, 36 anos). No âmbito das relações afetivas cinco revelaram não estar em nenhum tipo de relacionamento no momento da entrevista, três estavam namorando e morando com o parceiro(a) e três estavam namorando, mas morando sozinhas.

Os resultados estão conformados pela triangulação entre alguns parágrafos das entrevistas, as linhas do tempo e os mapas corporais⁵ elaborados pelas próprias participantes, evidenciando diversas situações de violência de gênero acontecidas não somente no contexto universitário, mas também falaram de episódios na infância, no contexto familiar e em relações afetivo sexuais com parceiros/as íntimos.

As manifestações de violência foram variadas e dependiam do contexto e do agressor. Os episódios relatados pelas estudantes são situados tanto dentro dos campi universitários (moradias estudantis, laboratórios de pesquisa e salas de aulas), como fora dos campi universitários (repúblicas, calouradas e festas). Também aconteceram situações constrangedoras, por exemplo, o assédio de estranhos no trajeto ida e volta à universidade, perseguições em carro por parte de outros alunos da universidade de distinto curso. Os agressores no contexto universitário mencionados com maior frequência foram: professores, a maioria homens; colegas do laboratório; mestrandos, chefes do estágio obrigatório e também colegas do curso até inclusive mulheres que não acreditavam a versão das estudantes e revitimizavam o abuso e professoras mulheres que tentavam minimizar a situação. Nos casos de assédio na rua ou áreas abertas da universidade identificavam o agressor como pessoas

⁵ Os desenhos das linhas do tempo e mapas corporais podem ser revisados no documento completo na seguinte referência. Navarro, G. (2021). Cartografia do corpo em estudantes universitárias vítimas de violência sexual.. Dissertação (Mestrado em Psicologia) –Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15592>.

desconhecidas, alguns deles não eram estudantes mesmo da universidade, mas rondavam pela cercania dos campi, outros eram estudantes de cursos diferentes.

3.1. Assédio sexual em diferentes espaços universitários.

Nas festas universitárias surgiram situações que ultrapassavam o consentimento das estudantes, assim atos de conotação sexual tais como carícias, toques e beijos, pressões para manter relações sexuais e comentários sexistas foram frequentes nesse espaço de encontro social. Situações de estupro também foram mencionadas nas festas pelas participantes sendo algumas delas vítimas diretas ou testemunhas de alguma das situações descritas a continuação:

“bom...ele se sentiu com o direito de me tocar, eu estava alterada havia bebido, mas isso não dava nenhum direito a ele de fazer nada, e ele...me tocou sem mim permissão, me levou para um lugar bem afastado da festa, eu não percebi...quando eu percebi já estava em um lugar, eu não percebi que ele me estava me afastando dos meus amigos e ele me tocou por baixo das minhas roupas e depois disso ele faz sexo comigo sem mim permissão. Eu pedi para ele parar, pedi para ele sair de cima de mim, pedi para ele não fazer aquilo e ele continuo fazendo e foi péssimo, foi uma experiência horrível, eu lembro que me senti suja, que me senti usada, foi uma experiência horrível e eu só queria sair dessa situação, eu não conseguia falar, não conseguia gritar, não conseguia andar, fiquei paralisada sabe”. **Mimosa**

Nas interações entre professores/as e os estudantes, foram descritas situações percebidas como assédio sexual por quem as vivenciaram. Mencionaram insinuações de conotação sexual, piadas e comentários sexistas, além de falas que possuíam relação direta com o corpo das estudantes ou sua forma de vestir. Algumas atitudes que reforçam a relação de hierarquia entre professores e alunos referiram-se a pedir favores sexuais em troca do sucesso acadêmico e consequências em seu histórico acadêmico quando elas recusaram as investidas

“um professor que fui a falar sobre a disciplina dele e ele...não lembro exatamente o que ele falou mais que eu poderia ir mais vezes, que a gente poderia falar outras coisas insinuando que poderia ser sexo”. **Azaleia**

“e ele fez insinuações, sabe! foi bem chato, foi bem desagradável eu fiquei sem graça, não sabia o que falar, só fui embora, mas ele foi bem assim... pergunto para mim o que eu poderia fazer por ele sabe, foi bem tenso porque ele é um professor sabe...isso foi o 2017, foi a primeira vez que eu vivi uma situação dessa na universidade”.
Mimosa

Foram relatadas situações em que os professores aproveitavam sua posição para tocar partes do corpo sem o consentimento das alunas.

“um professor que pediu para sair como modelo para explicar um exercício e aí foi um menino e ele falou! ah não tem que vir uma mulher! e ele falou: vem você, e aí eu fui não lembro se foi para calcular não sei na verdade. Mas ele falou as mulheres tem cintura e apertou minha cintura frente na sala inteira e foi muito constrangedor assim, e não tinha nada ver apertar minha cintura para fazer o exercício sabe, o formato do corpo masculino ou feminino não afetava em nada para fazer o exercício, mas ele podia usar um menino como modelo, mas ele queria usar uma mulher modelo”.

Azaleia

Outros também humilhavam as alunas com injúrias que minimizam sua capacidade intelectual, pelo fato de estar num curso que historicamente foi ocupado por homens. Ademais, havia comentários racistas que desvalorizavam a origem geográfica e socioeconômica das estudantes. Menciona-se uma normalização destas atitudes por parte dos professores e colegas.

“Meu primeiro dia de aula, falavam de forma pejorativa para as pessoas que estavam fora de São Paulo, numa região que eles consideravam muito pobre, seus comentários eram bem racistas e pela cor da minha pele e também a forma de falar”. **Rosa**

“...professores colegas é horrível, sabe. Os colegas do curso tinham até grupo de WhatsApp para comentar sobre as meninas, compartilhavam piadas muito escroto, de mulher pelada, chamando a meninas de puta, eu descobri porque um amigo. (o grupo era só de homens rejeitavam também aqueles que eram visivelmente gays), ele me comentou e ele era gay, aah e tinha uma menina que saiba ela achava engraçado isso”.

Rosa

Nos relacionamentos íntimos, as participantes relataram ter sofrido violência sexual e manipulação emocional, além da violência psicológica que fazia parte do cotidiano no relacionamento. A continuação a participante Lavanda relata alguns desses episódios:

“meu namorado falava assim de se matar, dependendo de algumas atitudes minhas assim, !eu não quero isso;, !ah tá então vou pegar o carro e vou embora; pegava o carro e que eu vou me matar...”**Lavanda**

“...quando ele ficava estressado, ele batia na parede socava na parede, socava os objetos e isso me assustava muito, tomava um soco e isso...então era muito explosivo”

Lavanda

O assédio sexual por parte de desconhecidos no trajeto na universidade também foi mencionado como situações do risco para as estudantes:

“eu estava mais perto da universidade e estava de a pé com uma amiga e aí passou um cara com um carro e aí chamou a gente, só que aí minha amiga respondeu ela falou assim xingando a ele” **Margarida**

“Em relação nas festas e o transporte público ainda não sei dizer, mas eu ainda me sinto muito insegura, muito, muito eu fico sem graça de sair com determinada roupa nas ruas, fico falando “nossa vão chamar a atenção, vão me seguir, vão acontecer algum coisa ruim” eu me sinto culpável por usar alguma roupa...” **Lavanda**

3.2. Redes de apoio

Esta categoria descreve, primeiro, a importância de contar com uma rede de apoio e suporte no contexto de violência, e, segundo, identifica quais foram essas pessoas que estiveram perto no momento de verbalizar os abusos. A maioria nomeou as amizades em geral como a primeira rede de apoio, seguida dos seus pais ou familiar de confiança, seu parceiro (a), também alguma professora ou professor que consideraram poderia escutá-las. Outras optaram por falar com a psicóloga nas sessões de terapia.

“eu acho que foi por conta das conversas com as amigas, porque elas assim, quando a gente está em um relacionamento abusivo a gente não consegue enxergar muito...”.
Lavanda

“eu falei para três amigas que elas eram do meu grupo de graduação e para um amigo também e eles ficavam mais perto quando eu tinha que ir embora mais tarde ou uma delas ficava na universidade me esperando até ir-me a buscar” **Rosa**

3.3. Tempo de verbalização da violência.

As estudantes relataram as dificuldades de expor com outros os episódios de violência acontecidos. O tempo estimado em verbalizar para alguns estudantes foi de até um ano depois do ocorrido.

“Um ano depois conversei com um amigo e como era um processo de mediação com aquela situação, procurei a psicóloga universitária, mas realmente não foi uma boa experiência porque esperava como ter apoio ou o que poderia fazer”. **Violeta**

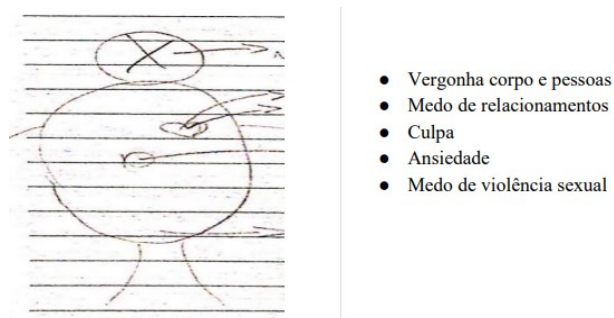
“Eu fui para fazer um Boletim de ocorrência e o policial que me atendeu falou assim, “não tem como a gente registrar o B.O. porque você queria né”, ele falou assim desse jeito, e aí eu não registre B.O.”. **Mimosa**

“se eu acho que me afetou mais, de certa forma foi bom porque foi a primeira pessoa que contou pra ele tudo o que tinha acontecido, mas ao mesmo tempo me fez mal porque não senti o apoio que queria ou alguém assim poderia acompanhar o que eu estava começando a superar depois de um ano, pois foi depois de um ano que contei e procurei ajuda e conversei com os amigos, aí foi uma frustração pois as pessoas não davam importância ao que tinha acontecido” **Violeta**

3.4. Dificuldades de estabelecer relações afetivo sexuais.

A partir da revisão inicial dos mapas corporais⁶, algumas estudantes identificaram a dificuldade de estabelecer qualquer tipo de relação interpessoal, posterior a sua experiência de abuso e violência sexual, enfatizando na complexidade de se- envolver em novas relações afetiva sexuais.

Figura 1 – Mapa corporal da estudante Urze



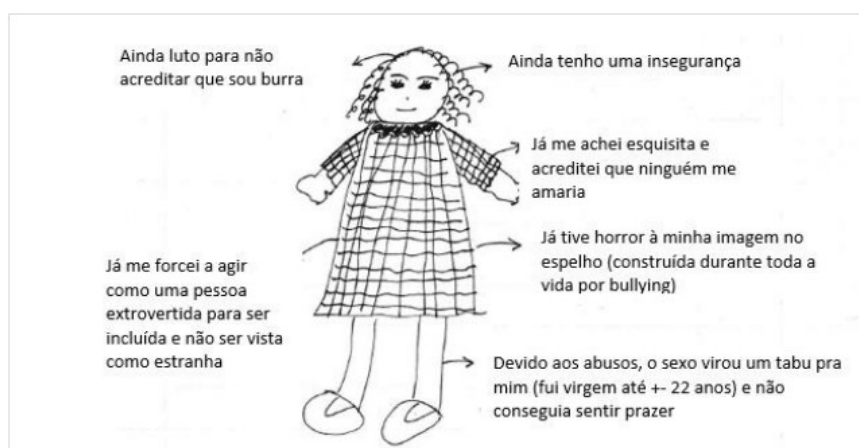
"Hoje em dia a gente já não se enamora mais, e eu vejo que não, eu não gostava de aquilo, eu não colocava o corpo para aquilo e desde então eu não me relaciono com ninguém. Eu terminei o relacionamento em outubro e estou fugindo de relações e de qualquer pessoa que se aproxime a mim, não estou receptiva. Na verdade, que hoje quero não me relacionar mais com homens, eu sinto que quero me relacionar com mulheres eu vou investir em isso, e assim eu trabalho isso com minha psicóloga, trabalho essa questão, e inclusive eu tenho transtornos de personalidade” **Mimosa**

⁶ A descrição dos mapas corporais das participantes, foram transcritos pela autora com o intuito de manter o sigilo das estudantes.

Do mesmo modo, uma estudante manifestou claramente vontade de começar uma nova relação priorizando o carinho, respeito e compreensão mútua (Azaleia).

A estudante Rosa falou da dificuldade de se conectar com outras pessoas, depois das experiências de abuso, que motivou nela começar sua vida sexual mais tarde segundo sua percepção, isto em comparação com outras meninas da sua mesma idade. Olhando a sexualidade como um tabu do qual ela (s) preferia não falar é mesmo assim, esquecer esse aspecto da sua vida.

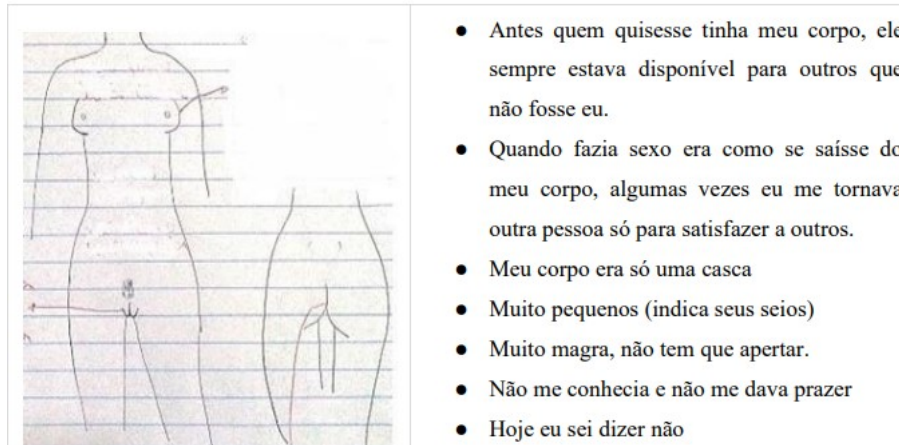
Figura 2 - Mapa corporal da estudante Rosa



O sentimento de medo emergiu de maneira recorrente no relato dos desenhos das participantes, sendo nomeado como um dos principais obstáculos na hora de marcar um encontro sexual com outro (a) ou estabelecer formalmente relações afetivas sexuais (Azaleia, Urze, Girassol, Violeta, Lírio, Margarida, Lavanda, Jasmim). Também o medo de se envolver novamente numa relação abusiva (Azaleia).

A falta de desejo e impossibilidade de sentir prazer na intimidade, seja com si mesma ou com outros (as), foi descrita como um dos impactos na sexualidade produto da violência sofrida (Orquídea, Azaleia), mesmo com a dificuldade para atingir o orgasmo. Questão que se pode vincular de acordo a seus relatos também, com a falta de conhecimento que elas sentiam com seu próprio corpo e sexualidade (Orquídea). Algumas descreviam seu corpo como uma casca (Mimosa), um objeto distante e fora delas (Violeta) (Lavanda).

Figura 3 - Mapa corporal da estudante Orquídea



A participante Orquídea manifestou contrariamente às demais, que sua vida sexual sempre foi muito ativa. De fato, após os abusos sofridos a frequência dos encontros sexuais aumentaram, argumentando que sentia seu corpo alheio pelo que simplesmente era utilizado como um instrumento para dar prazer a um outro (a), ficando ela “fora” dessa interação: “...*ter o corpo disponível para outros que não fosse eu*” **Orquídea**.

Pode-se identificar uma imagem corporal e uma subjetividade que discorda em ocasiões com a imagem real delas. Expressam “horror” em palavras delas de se olhar no espelho, que em alguns casos eram justificadas por situações de bullying acontecidas no percurso da sua vida (Rosa).

“eu sempre vim alguma característica minha muito angustiada eu acho que está muito relacionado com isso, com a ideia do masculino, do que homem não gosta, ou simplesmente não me sinto confortável com meus peitos. sempre tive muita angústia com meu cabelo porque não é o cabelo mais fácil de lidar do mundo e aí eu acho que me sexualize muito então eu fiquei isolada dos homens porque desde pequena eu acho que fui sexualizada pelos homens e eu acho que isso percebi recentemente por isso me incomoda ser bonita ser considera uma mulher bonita às vezes me gera muita angústia ir para os lugares” **Girassol**.

As apreciações pessoais do seu próprio corpo chegam a sinalizar uma lista de imperfeições e reparos com seu corpo. Assim, alguns estudantes mencionam a imperfeição do seus genitais, o grande dos seus seios, outras diziam que eram muito pequenos, não se sentiam “bonitas”, criticavam seu cabelo, sua pele (Girassol), (Azaleia), (Orquídea), (Jasmim).

Figura 4 - Mapa corporal da estudante Girassol



- Amar sexo. Medo de sexo. Saúde, medo (frases indicadas na imagem geral)
- Cabelo seco (indica seu cabelo)
- Bonita? (indica seu rosto)
- Gostoso. Genitais imperfeitas (indica seus genitais)
- Peitos grandes (indica seus peitos)

3.5. Desconforto do gênero feminino

Participantes como Mimosa, manifestaram explicitamente a rejeição de ser mulher ou pertencer ao gênero feminino após o episódio de abuso. Os questionamentos sobre ser mulher estão diretamente relacionados com se sentir vulnerável, pensando que ter genitais femininos significa fraqueza, sendo mulher estão expostas a que demais pessoas possam transpassar seus limites, tocar sem sua permissão.

Outras sentem medo de expor seu corpo em público, em situações que gostariam de usar peças de roupa mais leves como os shorts ou blusinhas pequenas, sentem-se muito observadas, constrangidas e intimidadas, pelo que evitam fazer uso desse tipo de roupa já que causa um prejuízo para elas (Margarida).

"Não me sentia mais confortável com ser mulher, não sentia confortável com ter uma vagina sabe, foi algo bem perturbador, meu desejo era poder ser assim homem para ver se me tratariam de igual a igual, sabe..." **Jasmim**

"não sei, acho que eu vejo uma carcaça mesma, uma carcaça dura envolta assim, como se eu tentasse sempre de me proteger de tudo os espaços" **Urze**

3.6. Consequências psicológicas e emocionais

As estudantes manifestam sentir vergonha e culpa após os episódios de violência (Urze). Ansiedade, insegurança, medo e angústia, depressão e pesadelos constantes (Azaléia,

Margarida, Urze, Lavanda, Girassol, Orquídea). O medo joga um papel decisório no bem-estar e desenvolvimento futuro das estudantes. Muitas questionam suas capacidades, dizendo que não são suficientes ou capazes de desenvolver-se na vida pessoal, acadêmica e profissional (Jasmim, Mimosa).

“eu chorava às vezes ficava tremendo um pouco com o coração acelerava”
Margarida

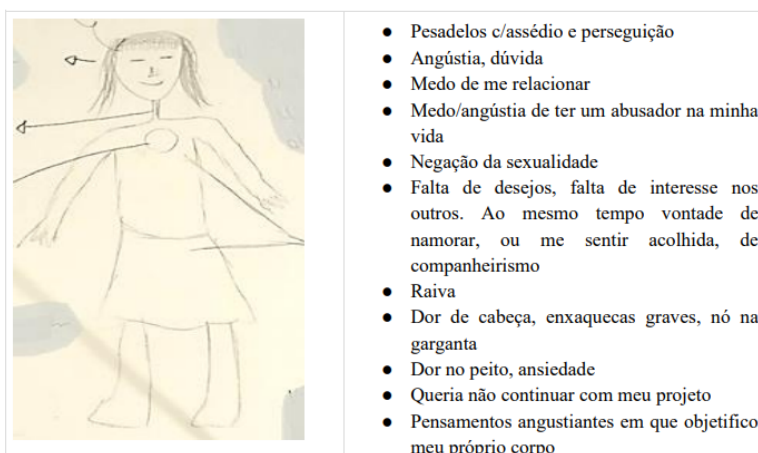
“estava triste mesmo acho que me sentia um pouco culpada porque eu pensava meu deus eu estava muito bêbada se não houvesse estado bêbada houvesse reagido, mas depois eu comecei a perceber que não era minha culpa e hoje em dia eu só sinto raiva eu acho”
Margarida

“A universidade como eu não fiz nada ou nada fiz nesses casos, então foi isso que também caí em depressão, por causa de tudo isso. Afetou muito minha autoestima, sexualmente me afetou igual, me afetou muito em todo, sentir que as pessoas podiam fazer qualquer coisa comigo”.
Violeta

3.7. Consequências na sexualidade e sintomas no físico

Estudantes refletem e lembram os sinais do seu corpo após sofrer o abuso ou experiência de desconforto. Algumas mencionaram sentir uma tremedeira geral em seu corpo, suor nas mãos e pés, nó na garganta, dor de cabeça, enxaquecas graves e dor no peito (Margarida, Azaleia).

Figura 5 - Mapa corporal da estudante Azaleia



“e eu fiquei com medo também de ter engravidado, então eu estava na paranoia sabe, eu passei vários meses fazendo os testes para confirmar que eu não estava grávida

*sabe que não havia acontecido nada...sem contar que que criei uma **disforia** com minha genital sabe..." **Jasmin**.*

3.8. Impacto no âmbito social

No âmbito social, as participantes mencionaram dificuldades para poder comunicar-se e estabelecer qualquer tipo de relação com outras pessoas. A incapacidade de não confiar nos outros era o principal limitante nessas interações, outras justificavam esse bloqueio pela timidez para concretizar uma aproximação.

“sim, eu acho que eu fiquei assim um pouco mais afastada assim, até acabei um tempo sem festa e de se relacionar com as pessoas também, depois de o último relacionamento eu não tive um relacionamento assim longe, eu sai com outras pessoas, mas nada duradouro assim” **Urze**

“Eu senti que não podia fazer nada sobre isso, eu não fui capaz de falar com ninguém sobre isso por um longo tempo, então o que eu fiz foi me isolar, como se eu não quisesse mais falar com ninguém, eu não fiz nada, eu estava lá fora e fui embora da moradia” **Violeta**

“eu pelo menos fiquei com muito medo de se a pessoa é muito parecida assim agressiva de se parecer em alguma forma com a pessoa, acho que a gente vai se fechando assim por algumas coisas, acho que o relacionamento é de umas coisas que eu me fechei” **Urze**

Violeta menciona que após ter sofrido o abuso, não teve maior impacto no âmbito acadêmico. Argumenta que a estratégia que ela achou para lidar com o trauma foi colocando toda sua atenção nos estudos.

“A psicóloga me fez sentir que como se ela considerasse não ser algo importante o estupro porque eu não estava indo mal na faculdade, então ela estava se perguntando se isso estava afetando meu desempenho acadêmico. E não realmente, porque o que eu fiz para cuidar de mim foi estudar...” **Violeta**

3.9. Percepção da maternidade

A categoria emergente da maternidade esclareceu como alguns participantes não tinham vontade de ser mãe (Violeta), outras não negaram a possibilidade, mas depois da experiência de abuso ficaram com medo de não ter a capacidade de entregar a proteção a seu filho (a) pensando em que a história de abuso fosse a repetir-se (Mimosa). Outras rejeitam com

segurança, ficando uma opção não viável, seja por uma desvalorização como mulheres e medo de não encontrar um “companheiro bom” ou contrariamente relacionar-se com um parceiro íntimo que exerça violência sobre elas ou medo de que aconteça o mesmo com seus filhos (as) no futuro.

“e, eu tenho medo, sei lá...se eu tivesse uma filha, sabe, não quero um ser humano feminino neste mundo sinceramente... e aí a gente fica o tipo com medo pelas relações futuras, eu imagino como era antes, imagino como vai ser depois e eu vejo muito isso nas meninas que já sofreram uma situação assim, já não querem ter filhos, não querem se casar. Isso meio que destrói nossos sonhos, nossas expectativas para o futuro, é triste, é uma realidade muito triste” **Mimosa**

“desde antes, minha opinião sobre isso é como se eu não quisesse, mas isso também tem a ver com a minha infância e a maneira como eu como eu cresci, minha família é só de mulheres, meus pais separados tão bem, como vou ver as mães solteiras e ver o que elas têm que passar tendo filhos como eu não quero essa vida e o que a maternidade acarreta, não sei se tem a ver com isso o que passe pero sigo pensando que não quero” **Violeta**

Apesar das dificuldades que tiveram que experimentar e que ainda estão enfrentando, as participantes foram capazes de refletir sobre seu presente e futuro, ressaltando aspectos que gostariam melhorar tanto fisicamente como no âmbito emocional ou questões que já colocaram em prática (Girassol, Lavanda, Urze, Jasmim). Mencionaram o estabelecimento de limites como uma estratégia de autocuidado que estavam adotando. Novos hábitos de cuidado com seu físico, fazendo exercícios, preocupando-se com sua aparência pessoal, alimentando-se mais saudavelmente. Trabalhando numa comunicação não violenta consigo mesma, desde a empatia, não sentindo culpa do acontecido. Mencionaram ter vontade de focar a atenção nas coisas boas dela e não ressaltar seus defeitos. Outras gostariam de relacionar-se com mais confiança com as pessoas e não ser tão tímidas.

Em relação com sua sexualidade, algumas mencionaram que hoje estão cuidando de seu corpo como um “templo”, assim também pensando que o prazer não depende só de outras pessoas (Orquídea), que é uma questão de conhecimento individual e de amor-próprio.

A seguir uma série de falas das estudantes:

“eu pretendo trabalhar um pouco os traumas que eu tenho, espero que melhorem porque a gente fica sempre se isolando e se privando das coisas e se protegendo, para mim é muito difícil, então não sei assim na mesma área de atuação do meu trabalho, na área da saúde muitas vezes acolhendo situações como estas, então apesar de ser

difícil eu acho que a gente tenta estar preparado para saber o que fazer, como lidar, como ajudar aos outros, como se ajudar” **Urze**.

“eu espero que isso continue e que eu acabei melhorando, eu sinto que eu estou é um constante processo de aprendizado que eu erro também, ou que eu errei isso me deu para reconhecer essas situações e outras que eu já vivenciei o que eu posso aprender ou ensinar para outras pessoas, acho que são lesões que eu vou levando e que eu espero que pelo resto da minha vida possa ir aprendendo” **Lírio**

"conseguir ter prazer por mim mesma..."**Orquídea**

“bem o que eu mais gostaria hoje e o que estou tentando fazer é nunca permitir que alguém se aproveite de mim de novo...” **Violeta**

4. DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi identificar possíveis consequências e impactos na corporeidade e sexualidade em estudantes que sofreram violência sexual dentro do contexto universitário. Observou-se que a maioria das participantes que cursaram estudos de graduação, relataram ter sofrido algum tipo de violência no contexto universitário, critério fundamental para a continuidade desta pesquisa.

É sabido que o ingresso na universidade traz benefícios além da aquisição de conhecimento no âmbito de relações interpessoais, amplia o círculo social, experimentam-se novas experiências, situações novas, sentimentos de alegria e excitação, além de insegurança e ansiedade (SANT’ANNA, 2008). O início da vida acadêmica, sobretudo nas festas universitárias de bem-vinda, em palavras das estudantes, percebia-se como locais de alta vulnerabilidade para elas e que estava fortemente relacionada com o consumo de álcool nas festas. Entendendo que sempre a culpa é de quem exerce a agressão e não da vítima, mas o fator do álcool pode desenvolver situações de risco para as mulheres porque aumenta a probabilidade de ser alvo de agressões, o álcool pode restringir habilidades cognitivas, portanto, pode diminuir a percepção de risco (TESTA, 2009), situação que várias estudantes se questionaram dizendo “*se eu não houvesse bebido tanto talvez poderia ter reagido de outra forma*”. Outros autores mencionam que o álcool limita a capacidade física de agir ante uma agressão sexual (NEILSON, 2017). Nos relatos das estudantes pode apreciar-se como isso aconteceu nos espaços de conglomeração e diversão, onde as agressões iniciavam com toques em seu corpo

sem permissão delas, beijos forçados até episódios de estupro que vivenciaram alguns estudantes e que ao momento de verbalizar conheceram também outras histórias similares.

A desigualdade de gênero manifesta-se num ciclo de violência continua existindo, questão que é cristalizada no contexto das instituições de educação superior através de práticas institucionalizadas como o assédio sexual universitário e a manutenção de políticas de discriminação racial (CALAFELL, 2014). Por exemplo, as situações que vivenciaram nos chamados “troles” e que faziam a réplica da época da escravidão no Brasil. Apesar dos diversos relatos de violência e abusos nos trotes e as consequências nas vítimas, apenas a partir do 1999 com a morte de um aluno na Universidade de São Paulo, que foi vítima de afogamento num trote, começou a ser considerado como uma prática que deve ser questionada e punida para erradicação de toda a violência acontecida (BANDEIRA, 2017). Mas ainda é insuficiente, pois continuam situações de humilhações e preconceitos na convivência universitária. Os dados coletados indicaram situações de estupro acontecidas anos anteriores no contexto universitário, de fato uma das ações a modo de prevenção por parte de uma universidade no interior de São Paulo, foi a criação de uma comissão anti-trote, mais infelizmente pela situação sanitária da pandemia seu funcionamento não continuou como era esperado.

Com o mesmo objetivo e sendo parte de uma estratégia de prevenção terciária, foram criados vários coletivos de estudantes que trabalham desde a redução de danos com a perspectiva do antiproibicionismo. Com o foco na importância de contar com a informação necessária sobre as substâncias que ingere e os riscos que pode ter seu consumo abusivo. Alguns grupos colocam o foco na criação do *setting*, espaços de acolhimento e segurança para os usuários que estão baixos os efeitos do álcool ou drogas e precisam de ajuda sem serem julgados. São justamente este tipo de grupos que trabalham na erradicação das violências acontecidas nas diversas festas universitárias. (DOS SANTOS, 2021).

Pelo anterior, o sentimento de culpa é bastante recorrente e apareceu nos relatos das estudantes como uma barreira no momento de revelar o abuso. Dados de pesquisas realizadas com estudantes, indicaram que aquelas que decidem revelar para algum funcionário do campus universitário, psicóloga ou até a própria polícia, logo se arrependem expressando que se sentiram retraumatizadas (EISENBERG, 2019). Cumpre destacar que no momento em que a vítima recebe uma reação negativa de sua fonte de apoio, por exemplo, culpando-a diretamente

do acontecimento ou minimizando a violência, dizendo que melhor esqueça, essa atitude pode ser extremamente prejudicial.

A vergonha também surgiu como uma emoção frequente. Muitas participantes relataram se sentir inadequada, defeituosa, com medo de ser rejeitada por outros, assumindo uma atitude submissa e isolando-se do mundo. Existe uma vergonha corporal relacionada com as vítimas de abuso, que sentem que seus corpos machucados são diferentes e as outras pessoas podem perceber isso, autores falam que a vergonha passa finalmente a ser parte da identidade da sobrevivente (CREMPIEN, & MARTÍNEZ, 2010).

Estudos também demonstram que mulheres com histórico de agressões sexuais têm maior probabilidade de risco de vitimização do que aquelas que não têm um histórico de violências. Outros descrevem que as mulheres com histórico empregam uma variedade de métodos comportamentais e estratégias cognitivas para lidar com emoções e pensamentos negativos relacionados com seu ataque (NEILSON, 2017). Isso vai de encontro aos resultados obtidos pelas participantes, pois, a maioria relatou episódios de violência em cenários diferentes do acadêmico, como, por exemplo, as agressões dentro dos relacionamentos afetivos sexuais, abusos acontecidos durante a infância e adolescência no contexto intrafamiliar e abusos perpetrados por desconhecidos em espaços públicos.

Experiências sexuais sem consentimento e traumas por violência sexual, como abuso sexual na infância e estupro, têm um impacto negativo superior a outros tipos de violência que vão direto detrimento da relação com sua sexualidade (CARDOSO, 2020).

A literatura destaca que o suporte social pode atuar como um precursor do crescimento pessoal, isto porque influencia no comportamento de enfrentamento das situações traumáticas e promove uma adaptação bem-sucedida às crises da vida (SCHAEFER; MOOS, 1998). Procurar apoio social melhora os recursos sociais, provendo de simpatia ou reduzindo sentimentos no indivíduo de solidão e isolamento (PRATI; PIETRANTONI, 2009). A mesma importância é ter redes de apoio no momento da divulgação da experiência traumática, ficando cientes da difícil decisão de revelar o abuso sexual. Neste estudo, as pessoas que mais foram mencionadas como ouvintes da experiência de abuso, foram amigos(as), familiares ou alguma professora que consideravam de seu círculo de confiança. De fato, Hassija e Turchik, (2016) assinalam que num estudo de vitimização sexual em estudantes universitárias em Estados Unidos, mais do 80% divulgou para seus pares, 10% divulgou para seus familiares, 8% para o

parceiro íntimo e só 1% para o serviço de acolhimento. Uma vez que tem a oportunidade de divulgar detalhes de sua experiência de agressão em um contexto de suporte, às sobreviventes de violência sexual podem fornecer uma oportunidade de receber feedback corretivo, incentivando assim a reavaliação cognitiva, bem como facilitando o processamento emocional (HASSIJA; TURCHIK, 2016). Assim, o papel que tem a rede de apoio é fundamental na prevenção e tratamento da angústia, depressão e ansiedade após o trauma (BORJA; CALLAHAN, 2006).

Demonstra-se que as experiências traumáticas (agressão sexual, tortura, violência intrafamiliar, etc.) gera uma quebra nos sentimentos de segurança de uma pessoa e uma perda de confiança nos outros (ECHEBURÚA; AMOR, 2018). Questão que é confirmada pelos relatos das participantes que mencionaram a dificuldade de estabelecer a confiança com outro, sem sentir medo ou desconfiança das intenções dos demais. Considerando que os impactos são transversais e que atua em diferentes níveis, os estudantes mencionaram uma série de consequências no curto, médio e longo prazo das violências experimentadas.

Nas 11 entrevistas realizadas evidenciou-se mais uma correlação das violências sexuais com o desenvolvimento da sexualidade. As estudantes manifestaram sentir rejeição ou aversão com o sexo e com tudo o que implica a sexualidade. Começando por uma evitação do contato físico e sexual com os demais pelo menos por um tempo, que algumas especificaram até um ano. O estudo de Pereira (2007) menciona como algumas mulheres que foram vítimas de violência sexual, após seis meses da agressão sexual não tinham reiniciado a prática da vida sexual. Ter relações sexuais ou afetivas sexuais representava, em palavras delas, como um espaço de vulnerabilidade que rememorava as lembranças hostis. Segundo Pereira (2007), as fortes lembranças da ocorrência eram frequentes nas mulheres sobreviventes de violência sexual. Nessa mesma linha, a perda do desejo sexual e do prazer foi apontada de forma recorrente por alguns estudantes. Observa-se que tais comportamentos são coincidentes com estudos anteriores (TURCHIK, 2014; DONDE, 2018; BERGERON, 2019).

A anorgasmia também aparece como impacto na sua sexualidade que elas podem identificar, pois falam de uma ausência de orgasmo após a violência sexual, situação mencionada no estudo de Cardoso et al (2020). A experiência traumática quita possibilidade de tornar-se autônomo enquanto a sua sexualidade, a forma de agir nos relacionamentos e gera uma percepção subjetiva limitada da sua imagem corporal que, no geral, foi bastante negativa.

Deixando vestígios da experiência de abuso que acompanham as estudantes e que irrompem com pensamentos disruptivos que limitam sua liberdade de movimento espacial e nas relações sociais. Em nossos resultados foi possível distinguir pelo menos em uma estudante (Mimosa) que falou abertamente de sua disforia sexual, gerando nela essa discordância entre a identidade de gênero e seu sexo físico.

A presença de estados emocionais negativos como a raiva, depressão, ansiedade ou medo são frequentes e vem acompanhado de fatores individuais. A estudante Orquídea manifestou ter uma sensação de dissociação com seu corpo, um distanciamento tanto psíquico como corporal, que vinha justo depois do trauma da violência sexual e começavam quando tentavam interagir sexualmente com outros ou até incluso consigo mesmas. Como resultado da violência sexual apresenta-se uma dissociação como mecanismo de defesa em algumas participantes. É possível encontrar na literatura como a dissociação pode obstaculizar o processamento cognitivo e afetivo das experiências traumáticas, isso significa que o sujeito vive com fortes incongruências, sem atingir a consciência dele (RODRIGUEZ, 2005). Segundo a teoria psicanalítica esse mecanismo é considerado proposital, ainda que inconsciente. Mas segundo Pierre Janet, descarta que seja proposital, mas surgiria quando o indivíduo tem experiências veementes que levariam ao estreitamento do campo atencional e desorganização das funções usuais de integração da consciência (JUNIOR, 2006).

Os impactos na autoestima após uma experiência de agressão sexual foram mencionados pelas estudantes, e vão na direção de julgar continuamente sua imagem corporal, seu desempenho no plano sexual e indicar as incapacidades que elas acham para desenvolver-se abertamente com outras pessoas ou em outros espaços. É bem sabido que a autoestima e a auto aceitação são pontos diretamente relacionados com a sexualidade. Ter um bom entendimento da nossa sexualidade e de suas implicações em nossa vida, faz com que consigamos estabelecer uma relação saudável e positiva com ela e também uma boa relação interpessoal e sexual com outras pessoas. A saúde sexual, segundo a Organização Mundial da Saúde (2010), *“é um estado de bem-estar físico, mental e social em relação à sexualidade. Requer uma abordagem positiva e respeitosa da sexualidade e das relações sexuais, bem como a possibilidade de ter experiências sexuais agradáveis e seguras, livres de toda coerção, discriminação e violência”*. Por outro lado, a autoestima sexual elevada atua como um fator de proteção contra a perpetração de agressão sexual, tendo menos comportamentos sexuais de

risco, definidos em termos de sexo casual, comunicação pouco clara e uso de álcool em situações sexuais. A literatura também evidencia que uma autoestima sexual positiva está relacionada com o conhecimento das doenças sexualmente transmissíveis vinculadas com os comportamentos sexuais de risco (SCHUSTER; KRAHÉ, 2018).

Apesar dos diversos danos e impactos mencionados pela estudante Violeta, ela é grata de mencionar seu sucesso acadêmico com tudo as dificuldades que experimentou depois da situação de estupro. Ao invés de baixar seu rendimento acadêmico e, segundo ela, como uma forma de evadir e como estratégia de defesa, conseguia focar sua energia em seus estudos permitindo-lhe manter o tempo todo ocupada em outras atividades que não trazerem lembranças do sucesso traumático.

O último enunciado dos resultados destacou reflexões futuras das participantes, em direção a um fechamento das entrevistas em que pudessem imaginar cenários ótimos e mais agradáveis do seu ponto de vista. Embora seja um processo que está sendo encaminhado, a narrativa de auto percepção e de reconstrução do indivíduo já leva a mudanças no plano cognitivo e resulta num crescimento posterior. Entendendo o crescimento pessoal como um ponto de resolução do trauma (SPLEVINS, 2010). Ressaltar a concepção da maternidade na fala das entrevistadas permitiu refletir e questionar que a ideia mais primária e original da maternidade está numa constante relativização, pois atualmente muitas mulheres preferem o desenvolvimento pessoal antes que olhar a maternidade como o fim do seu desenvolvimento como mulher.

É necessário que estudos futuros considerem uma amostra mais ampla, incluindo professoras, técnicas, e população dissidente e, dentro do possível, com um tamanho maior de participantes. Um número abrangente ajuda na melhor compreensão dos fenômenos sociais. As instituições universitárias precisam com urgência implementar programas e políticas que tentem diminuir a cultura de violência e estupro dentro do seu âmbito, tanto como ampliar o resguardo dos seus estudantes nos contextos de republicas e festas que são alcançadas na vida universitária.

5. CONCLUSÕES

A utilização de métodos visuais nas entrevistas possibilitou que as participantes tivessem um espaço de reflexão e diálogo com suas experiências, no momento de reorganizar os diversos cenários de violência e observar seus próprios desenhos. A dificuldade dessa tarefa é indiscutível, as lembranças traumáticas interferem em algum plano da sua vida e a maioria das pessoas potencializa a capacidade de esquecer as questões ruins da vida e lembrar as positivas como um mecanismo de sobrevivência. Porém é importante destacar a coragem e valentia que tiveram as estudantes ao verbalizar parte da sua biografia, a bondade de compartilhar tentando que outras mulheres consigam quebrar com o silêncio.

O fator determinante que atua em cada uma das violências acontecidas e relatadas pelas participantes, é o desrespeito do consentimento das mulheres ou o mal-entendido consentimento e até muitas vezes forçado. A maior parte do trauma vivenciado revela-se no corpo, com somatizações que se fazem persistentes no tempo e com comportamentos de evitação do contato físico com outros. O relato foi só uma parte que emergiu como lugar de fala e de expressão destas experiências. Para superar um trauma deve haver uma escuta ativa por parte de alguém que acredite na história e um reconhecimento simbólico de quem é o abusador e quem é a pessoa abusada. Minimizar os impactos na sexualidade ou na corporeidade é justificar a violência que acontece nos espaços educativos e cometidos também por parte da comunidade universitária fora de seu limite físico, como nas festas que durante o ano acadêmico são celebradas em várias oportunidades.

O intuito das universidades deve estar dirigido a reduzir o impacto dos traumas, evitando a revitimização, trabalhando na prevenção de qualquer dano a população mais vulnerável da universidade (BAKKEN; KRUSE, 2019). Espera-se o engajamento de mais pesquisadores que queiram contribuir nesta linha de pesquisa, é preciso gerar clamor nas autoridades que tenham poder de decisão nas instituições de educação superior, para que assim se tomem as medidas de prevenção e punição para quem corresponda. Precisam-se espaços exclusivos de educação nos quais se fale abertamente dos tipos de violência e os estudantes possam distinguir quando estão frente a uma situação de assédio ou violência, de maneira que ao identificar vem a possibilidade de solicitar a ajuda no momento necessário.

6. REFERÊNCIAS

ADRIANSEN, Hanne. Life-history interviews: on using a time line. **Jour.** p. 1–13. 2010. https://www.researchgate.net/publication/263428204_Life-history_interviews_on_using_a_time_line

ALLEN, C. T.; RIDGEWAY, R.; SWAN, S.C. College Students' Beliefs Regarding Help Seeking for Male and Female Sexual Assault Survivors: Even Less Support for Male Survivors. **Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma**, v 24, p. 102–115. 2015.

BAKKEN, Nicholas. W.; KRUSE, Lisa. M. An Examination of Sexual Victimization, Self-Injurious Behaviors, and Suicidality Among Female College Students. **Journal of Interpersonal Violence**. 2019. <https://doi.org/10.1177/0886260519880163>

BANDEIRA, Lourdes. M. Trotes, assédios e violência sexual nos campi universitarios no Brasil. **Gênero**. v. 17, n. 2, p. 49–79. 2017.

BARROSO, Milena. F. Universidade sem violência: um direito das mulheres -), Manaus: **EDUA** / São Paulo: Alexa Cultural. 2021.

BASHONGA, Ragi.; KHUZWAYO, Zuziwe. “This thing of the victim has to prove that the perp intended to assault is kak!”: Social media responses to sexual violence on South African university campuses. **Agenda**, v. 31, n. 3–4, p. 35–49. 2017.

BERGERON, M.; GOYER, M.; HÉBERT, M.; RICCI, S. Sexual Violence on University Campuses: Differences and Similarities in the Experiences of Students, Professors and Employees. **Canadian Journal of Higher Education**, v. 49, n. 3, p. 88–103. 2019. <https://doi.org/10.47678/cjhe.v49i3.188284>

BERENDS, Lynda. Embracing the visual: Using timelines with in-depth interviews on substance use and treatment. **Qualitative Report**, v. 16, n. 1, p. 1–9. 2011.

BOGEN, K.; LEACH, N.; MEZA LOPEZ, R.; ORCHOWSKI, L. Supporting students in responding to disclosure of sexual violence: a systematic review of online university resources. **Journal of Sexual Aggression**, v. 25, n. 1, p. 31–48. 2019. <https://doi.org/10.1080/13552600.2018.1509576>

BUSTAMANTE, Sara. In the face of violences against female university students: A student-based and feminist collective action. **Nômadás**, v. 51, p. 243–255. 2019. <https://doi.org/10.30578/nomadas.n51a14>

BORJA, S.; CALLAHAN, J.; LONG, P. Positive and negative adjustment and social support of sexual assault survivors. **Journal of Traumatic Stress**, v. 19, p. 905–914. 2006. <https://doi.org/10.1002/jts.20169>

CASTAÑO-CASTRILLÓN, J.; GONZÁLEZ, E.; GUZMÁN, J.; MONTOYA, J.; MURILLO, J.; PÁEZ CALA, M.; PARRA, L.; SALAZAR, T.; VELÁSQUEZ, Y. Sexual harassment in the University of Manizales' student community. (Colômbia), 2008. A cross-sectional study. **Revista Colombiana de Obstetricia y Ginecología**, v. 61, n. 1, p. 18–27. 2010.

CARDOSO, T.; MALLMANN, A.; FAGUNDES, M.; SIDEGUM, J. O corpo feminino invadido: recortes da construção social de um corpo público / objetificado. **Gênero & Direito**, v. 9, n. 02, p. 70–90. 2020.

COELHO, P.; O. O assédio moral entre alunos e professores universitários na visão dos tribunais brasileiros e da psicologia forense. **Universidade Tuiuti do Paraná**, n. 4, p. 49. 2018.

CONLEY, A. H. ET AL. Prevalence and predictors of sexual assault among a college sample. **Journal of American College Health**, v. 65, n. 1, p. 41–49. 2017.

CREMPIEN, Carla; MARTÍNEZ, Vania. El sentimiento de vergüenza en mujeres sobrevivientes de abuso sexual infantil. **Revista Argentina de Clínica Psicológica**, Buenos Aires, v. XIX, n. 3, p. 237–246. 2010.

DELOVEH, H. L. M.; CATTANEO, L. B. Deciding Where to Turn: A Qualitative Investigation of College Students' Helpseeking Decisions After Sexual Assault. **American Journal of Community Psychology**, v. 59, n. 1–2, p. 65–79. 2017.

DOS SANTOS, K.; MARQUES DA SILVA, P.; OCONOSKI, B. Combate à Violência e Redução de Danos: Corpo Político da Mulher nas Festas Universitárias. **Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v.13, n. 2, p.165-179. 2021.

DREZETT, J. Violência sexual contra a mulher e impacto sobre a saúde sexual e reprodutiva. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 2, n. 1, p. 36–50. 2003.

EISENBERG, M. E. ET AL. Sexual Assault Reporting and Emotional Distress among College Female-Identified Victims/Survivors. **Journal of Forensic Nursing**, v. 15, n. 4, p. 222–230. 2019.

FERRER-PÉREZ, V. A.; BOSCH-FIOL, E. The perception of sexual harassment at university / La percepción del acoso sexual en el ámbito universitario. **Revista de Psicologia Social**, v. 29, n. 3, p. 462–501. 2014.

FIELDING-MILLER, R.; SHABALALA, F.; MASUKU, S.; RAJ, A. Epidemiology of campus sexual assault among university women in Eswatini. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 0, n. 00, p.1-26. 2019.

GROFF STEPHENS S. WILKE, D. Sexual violence, weight perception, and eating disorder indicators in college females. **Journal of American College Health**, 64:1, 38-47. 2016.

HASSIJA, C. M.; TURCHIK, J. A. An Examination of Disclosure, Mental Health Treatment use, and Posttraumatic Growth Among College Women Who Experienced Sexual Victimization. **Journal of Loss and Trauma**, v. 21, n. 2, p. 124–136. 2016.

HILLS, P.; PLEVA. M.; SEIB, E.; COLE. T. Understanding How University Students Use Perceptions of Consent, Wantedness, and Pleasure in Labeling Rape. **Archives of Sexual Behavior**, v. 50, n. 1, p. 247–262. 2021.doi.org/10.1007/s10508-020-01772-1

JORDAN, C. E.; COMBS, J. L.; SMITH, G. T. An Exploration of Sexual Victimization and Academic Performance Among College Women. **Trauma, Violence, and Abuse**, v. 15, n. 3, p. 191–200. 2014.

KEEFE, K. M.; SIZEMORE, S.; HAMMERSLEY, J.; SUNAMI, N. Recent Sexual Assault and Suicidal Behaviors in College Students: The Moderating Role of Anger. **Journal of College Counseling**, v. 21, n. 2, p. 98–110. 2018.

KOLAR, K.; AHMAD, F.; MPH, M.; ERICKSON, P. Timeline mapping in qualitative interviews: A study of resilience with marginalized groups. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 14, n. 3, p. 13–32. 2015.

LIMA, C. T.; CORREIA, M.; REBOUÇAS, N.; OLIVEIRA DE CARVALHO, P.; FERREIRA, R.; VASCONCELOS, T.; ALBINO DOS SANTOS, M.; MACENA, R. Enfrentamento de repercussões físicas e psicossociais em mulheres vítimas de violência através da consciência corporal: Experiência da fisioterapia. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, v. 16, n. 2, p. 84–92. 2015.

LINDQUIST, C. H.; CROSBY, C.; BARRICK, K.; KREBS, C.; SETTLES-REAVES, B. Disclosure of sexual assault experiences among undergraduate women at historically black colleges and universities (HBCUs). **Journal of American College Health**, v. 64, n. 6, p. 469–480. 2016.

LINDQUIST, C. H.; BARRICK, K.; KREBS, C.; CROSBY, C.M.; LOCKARD, A. J.; SANDERS-PHILLIPS, K. The Context and Consequences of Sexual Assault Among Undergraduate Women at Historically Black Colleges and Universities (HBCUs). **Journal of Interpersonal Violence**, v. 28, n. 12, p. 2437–2461. 2013.

MAMARU, A.; GETACHEW, K.; MOHAMMED, Y. Prevalence of physical, verbal and nonverbal sexual harassments and their association with psychological distress among Jimma University female students: a cross-sectional study. **Ethiopian journal of health sciences**, v. 25, n. 1, p. 29–38. 2015.

MARTÍN-BAENA, D.; TALAVERA, M.; MONTERO-PIÑAR, I. Interpersonal Violence and Health in Female University Students in Spain. **Journal of Nursing Scholarship**, v. 48, n. 6, p. 561–568. 2016.

MENNICKE, A.; BOWLING, J.; RYAN, C.; GROMER, J. Factors Associated With and Barriers to Disclosure of a Sexual Assault to Formal On-Campus Resources Among College Students. **Violence Against Women**, v. 27, p.1-19. 2019.

MINAYO. **Teoria, método e criatividade. American Gear Manufacturers Association Fall Technical Meeting 2011.** 2011.

MUEHLENHARD, C. L.; PETERSON, Z. D. III. Wanting and not wanting sex: The missing discourse of ambivalence. **Feminism and Psychology**, v. 15, n. 1, p. 15–20. 2005.

MONTRONE, A.; FABBRO, M.; DIAS, T.; FUSARI, L.; MOREIRA, D. Violência de gênero numa universidade pública brasileira: saindo da invisibilidade. **Revista Gênero**, v. 21, n. 1, p. 6-23. 2020.

NAVARRO, Giselle. Cartografia do corpo em estudantes universitárias vítimas de violência sexual. . Dissertação (Mestrado em Psicologia) –**Universidade Federal de São Carlos**, São Carlos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15592>.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. La salud sexual y su relación con la salud reproductiva: un enfoque operativo. Human Reproduction Programme, p. 1–12. 2013.

POTTER, S.; HOWARD, R.; MURPHY, S.; MOYNIHAN, M. Long-term impacts of college sexual assaults on women survivors' educational and career attainments. **Journal of American College Health**, v. 66, n. 6, p. 496–507. 2018.

PRATI, G.; PIETRANTONI, L. Optimism, social support, and coping strategies as factors contributing to posttraumatic growth: A meta-analysis. **Journal of Loss and Trauma**, v. 14, n. 5, p. 364–388. 2009.

RODRÍGUEZ VEGA, B.; FERNÁNDEZ LIRIA, A.; BAYÓN PÉREZ, C. Trauma, disociación y somatización. **Anuario de psicología clínica y de la salud = Annuary of Clinical and Health Psychology**, v. 1, n. 1, p. 27–38. 2005.

ROTHMAN, K.; SALIVAR, E.; RODDY, M.; HATCH, G. Sexual Assault Among Women in College: Immediate and Long-Term Associations with Mental Health, Psychosocial Functioning, and Romantic Relationships. **Journal of Interpersonal Violence**. P. 1-23. 2019.

SAFFIOTI, H. Gênero, Patriarcado e Violência. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v. 17, p. 9–152. 2002.

SCHAEFER, J., & MOOS, R. The context for posttraumatic growth: Life crises, individual and social resources, and coping. In R. Tedeschi, C. Park, & L. Calhoun (Eds.), *Posttraumatic growth: Positive changes in the aftermath of crisis* (pp. 99–126). Mahwah, NJ: Erlbaum. 1998.

SCHUSTER, I.; KRAHÉ, B. Predictors of Sexual Aggression Perpetration Among Male and Female College Students: Cross-Cultural Evidence From Chile and Turkey. **Sexual Abuse: Journal of Research and Treatment**, v. 31, n. 3, p. 318–343. 2018.

SILVA, J.; BARRIENTOS, J.; ESPINOZA-TAPIA, R. A methodological model for studying the body in biographic research: Body maps. **Alpha**, n. 37, p. 163–182. 2013.

SPLEVINS, K.; COHEN, K.; BOWLEY, J.; JOSEPH, S. Theories of Posttraumatic Growth: Cross-Cultural Perspectives. **Journal of Loss and Trauma**, v. 15, n. 3, p. 259–277. 2010.

TESTA, M.; LIVINGSTON, J. A. Alcohol consumption and women's vulnerability to sexual victimization: Can reducing women's drinking prevent rape? *Substance Use & Misuse*, v. 44(9–10), p. 1349–1376. 2009. <http://dx.doi.org/10.1080/10826080902961468>.

TURCHIK, J. A.; HASSIJA, C. M. Female Sexual Victimization Among College Students: Assault Severity, Health Risk Behaviors, and Sexual Functioning. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 29, n. 13, p. 2439–2457. 2014.

ZINZOW, H.; AMSTADTER, A.; MCCAULEY, J.; RUGGIERO, K.. Self-rated Health in Relation to Rape and Mental Health Disorders in a National Sample of College Women, **Journal of American College Health**, v. 59, n. 7, p. 588-594. 2011.

DATA DE SUBMISSÃO: 2022-12-28

DATA DE APROVAÇÃO: 2022-11-27



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-
NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacion